

**O jeitinho brasileiro: entre a criatividade e a corrupção  
A percepção dos estrangeiros sobre o Brasil****The Brazilian way: between creativity and corruption  
The perception of foreigners about Brazil**

DOI:10.34117/bjdv6n11-196

Recebimento dos originais: 19/10/2020

Aceitação para publicação: 11/11/2020

**Lisete Barlach**

Doutora em Psicologia Social

Docente da EACH – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP – Universidade de São Paulo

Endereço: Rua Arlindo Bétio, 1000 CEP 03828-000 Vila Guaraciaba, São Paulo, SP

E-mail: lisbar@usp.br

**RESUMO**

Por meio de uma pesquisa junto a expatriados (e expatriadas) de diversas nacionalidades, vivendo no Brasil há mais de um ano, investigou-se a percepção dos (as) estrangeiros (as) sobre o jeitinho brasileiro. Relatos de vivências de ordem pessoal, mesclados à percepção de comportamentos no ambiente laboral compuseram um painel que é sintetizado no presente artigo, e se mostraram consistentes com a literatura sobre o tema.

**Palavras-Chave:** jeitinho brasileiro, criatividade, malandragem.**ABSTRACT**

Through a research with expatriates (and expatriates) of various nationalities, living in Brazil for over a year, we investigated the perception of foreigners about the Brazilian way. Reports of personal experiences, mixed with the perception of behaviors in the workplace, composed a panel that is synthesized in this article, and proved to be consistent with the literature on the subject.

**Keywords:** Brazilian way, creativity, rascality.**1 INTRODUÇÃO**

Dar um jeito ou “quebrar um galho”, expressões tipicamente brasileiras, de difícil tradução em outra língua, podem ter o sentido de abrir exceções à regra ou representar a cordialidade do povo, disposto a fazer um favor, auxiliando, assim, o próximo. Em outras palavras, o jeitinho brasileiro pode tanto significar um gesto solidário quanto uma porta para a corrupção.

Uma das estudosas desse fenômeno relata um exemplo pessoal bastante elucidativo:

“vinda de um congresso, estava eu em uma fila para compra de passagens em uma rodoviária, quando uma moça esbaforida chegou até mim dizendo que acabara de chegar de uma longa viagem e que o próximo ônibus que ela precisava pegar saía em poucos minutos, e, se não pegasse esse ônibus, precisaria esperar horas na rodoviária, solicitando então às pessoas da fila, entre elas eu, que a deixassem passar na frente de todos para comprar o seu bilhete. Ela

convenceu todos com o seu jeito humilde, aparentemente sincero nas suas atribuições, e todos cedemos o lugar: concedemos um jeitinho. Poucos minutos depois, outra mulher chegou até mim com outro jeito: ela me olhava de cima para baixo e, demonstrando superioridade, contou uma história muito parecida com a da moça anterior solicitando passar na minha frente. O que ela ouviu foi um redundante “não, o lugar na fila é por ordem de chegada”. Não concedi a ela um jeitinho. Por que concedi um jeitinho para a primeira e não para a segunda mulher? Em primeiro lugar, a primeira moça me tocou emocionalmente com um jeito específico: aparentava humildade, parecia sincera e realmente envolvida em uma situação difícil que não pôde antecipar. Assim, foi tratada como pessoa à qual foi concedido o jeitinho como exceção à regra. O jeito da segunda mulher dizia o contrário: ela parecia se sentir superior e com a intenção de tirar proveito da boa vontade de todos. Portanto, foi tratada como indivíduo e igualada pelo trato impessoal no respeito às regras” (Borges, 2011, p. 135).

Qual seria então a diferença entre estas situações?

Na fronteira tênue entre a arrogância e a humildade, um dos elementos que entra em jogo é a postura de corpo que define se é o caso de conceder – ou não – o favor pedido. O jeitinho, a partir dessa postura corporal, atua de forma quase mágica na transformação do tabu em totem, do intransponível ao realizável (Borges, 2011, p. 140).

Mas essa “ginga” do corpo não é o único elemento que compõe esse traço tão característico da cultura brasileira. O Brasil, seja pelos olhos dos (as) estrangeiros (as) que aqui chegam como expatriados (as), seja pelos (as) cidadãos (ãs) que aqui habitam, é visto nesse aspecto dual, situado nessa tênue fronteira entre a imensa criatividade e a “flexibilização” de regras que pode dar margem à corrupção.

Uma pesquisa recente (Barlach, 2015), realizada junto a expatriados (as) de vários países que estão vivendo e trabalhando no País há, pelo menos, um ano, revelou aspectos interessantes da percepção do Brasil pelos (as) estrangeiros (as).

Dos tipos estudados de adaptação identificados na literatura da área, a saber, geral, de interação e profissional / laboral, a maioria relatou muita receptividade por parte da população brasileira e percebeu, desde o primeiro momento, os (as) brasileiros (as) como amigáveis, gentis, alegres e preocupados (as) com o próximo. Exemplos podem ser encontrados nas frases:

“Sentado, sozinho, num pub, mesmo falando pouco Português, conseguia me comunicar com as pessoas” (homem, francês).

“Quando a pessoa percebia meu sotaque (tentando falar Português), dizia: você fala Português muito bem” (mulher, espanhola).

“Mesmo que eu não falasse direito, percebia que as pessoas não me corrigiam; parecia que não queriam ser descorteses” (mulher, espanhola).

De forma geral, portanto, as pessoas no Brasil são capazes de ser gentis e carinhosas quando em contato com estrangeiros (as), segundo a percepção destes (as).

Por outro lado, no campo do ajustamento profissional, brasileiros (as) são percebidos (as) como pessoas com dificuldade de planejamento no longo prazo, muitas vezes contando com o recurso do “dar um jeito” quando enfrentam obstáculos ou quando os planos falham. Viver o agora, de forma imediatista, deixando os planos de longo prazo “para amanhã”, foi a percepção de dois entrevistados, homens, oriundos da Suécia. Afirmar que “vai dar tudo certo”, um dia antes do prazo, mesmo que nada indicasse para isso, também foi observado pelos mesmos entrevistados.

Outro entrevistado, homem, francês, aponta que “os (as) brasileiros (as) acreditam que é possível reverter uma situação a qualquer momento; que, na hora H, dá pra dar um jeitinho” (Barlach, 2015).

Na maioria das entrevistas, ficou evidente que, na percepção dos (as) expatriados (as), as pessoas no Brasil criam regras dentro das regras existentes, de forma a “dar um jeito” nas situações adversas que enfrentam.

Outro aspecto mencionado diz respeito à “pessoalidade” das relações profissionais. “Qualquer crítica é entendida de forma pessoal e não como referida ao desempenho profissional” (mulher, belga). Ao mesmo tempo, “quando cobrados (as) quanto à responsabilidade sobre suas ações, brasileiros (as) acreditam que ela é de todos, que é coletiva” (homem, França).

O lado bom do jeitinho foi apontado por expatriados suecos e iraquianos, referindo-se ao calor do povo (homem, iraquiano) e mencionando um fato do cotidiano: “observei que o motorista do ônibus reduzia a velocidade quando avistava alguém correndo para pegá-lo” (homem, sueco). Este último complementou, dizendo que, em seu país isso seria impensável, revelando o “lado mais humano” do jeitinho brasileiro.

Flexibilidade, adaptabilidade e criatividade, traduzidos como “ter jogo de cintura”, “jinga”, malandragem, podem ser interpretados de forma diferente, portanto, dependendo da situação em que eles estejam ocorrendo.

Do ponto de vista da enorme criatividade característica do povo brasileiro, a teoria da Gestalt pode ajudar a compreender esse fenômeno. Essa teoria se refere ao ajustamento criativo adicionando a noção de **mutualidade**, afirmando que qualquer ajustamento vem a ser um dar-e-receber, podendo o indivíduo alterar o ambiente – até refazê-lo ou criá-lo diferentemente – assim como mudar a si mesmo para se encaixar nele (Barlach, 2009). Este é o principal aspecto que explicaria o jeitinho brasileiro em sua vertente criativa, se contraposta à sua versão corrupta. Nas palavras de Latner, o ajustamento criativo implica “usar a competência e a energia para estender a fronteira do que é possível em qualquer campo da vida e em qualquer nível de complexidade” (Latner, 2003). Assim, uma vida saudável é

permeada de **improvisação**, composta de um ato criativo após o outro, ao passo que neurose seria o aprisionamento a padrões repetitivos e inflexíveis. Quando estrangeiros (as) afirmam que, no ambiente de trabalho, impera a falta de planejamento e a base do “jeitinho” para resolver problemas, referem-se à improvisação como elemento da criatividade brasileira.

Por outro lado, “no Brasil, um **não** pode ser diferente do **não** com sentido negativo; ele pode significar **talvez** e, dependendo de um bom papo, pode se tornar um **sim**, como em muitas situações de relacionamentos cotidianos entre motoristas e guardas de trânsito, mencionados por Barbosa (2006). Dentre outras características, o jeitinho brasileiro encontra uma solução para aquilo que não tem solução, não sendo as leis, normas e a própria constituição nacional barreiras definitivas e irrevogáveis para o comportamento” (Barlach, 2013).

Barbosa buscou ampliar a compreensão dos traços característicos da identidade nacional brasileira, destacando o jeitinho como um dos elementos que permitiam descrever a brasilidade, quando usado como uma autodescrição pelos (as) próprios (as) brasileiros (as) ou na comparação entre brasileiros (as) e outros povos.

Com a reorganização do mercado internacional do trabalho e o Brasil como um dos países emergentes reunidos nos BRICS, e os dados indicam que o País tem atraído estrangeiros (as) para trabalhar no País, ao mesmo tempo em que tem aumentado o número de profissionais brasileiros trabalhando no exterior, que são valorizados pela sua criatividade, adaptabilidade a situações adversas, “jogo de cintura” e outros quesitos.

“O jeitinho, como um dos elementos da identidade social brasileira, é emblemático, congregando em si formas peculiares de perceber o Brasil e os (as) brasileiros (as), por privilegiar os aspectos humanos e naturais em detrimento dos institucionais (p. 171), encarnando “nosso espírito cordial, conciliador, alegre, simpático, caloroso”, [...], de um país tropical, bonito, sensual, jovem e cheio de possibilidades (Barlach, 2013). Ele é percebido pelos estrangeiros (as) de forma dual, seja positivamente, seja em seu lado mais sombrio.

Mas, na visão de Barbosa, o jeitinho deve ser situado num *continuum* entre o favor e a corrupção. Quando o favor não envolve a transgressão de qualquer norma ou regra, ele é positivo e revela a gentileza, a cordialidade e a solidariedade do povo. Por outro lado, quando ele pressupõe a afirmação de que “aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei”, traz à tona seu aspecto negativo, como porta de entrada para a corrupção.

Ou seja, como afirma Da Matta (1997),

“o Brasil seria uma sociedade *sui generis*, no sentido de que apresentaria múltiplos eixos ideológicos – no caso, a hierarquia e o individualismo – sem que nenhum dos dois fosse hegemônico nem competitivo. Eles seriam complementares. Ao contrário dos Estados Unidos, onde a sociedade é englobada por uma única ética – a individualista –, no Brasil conviveríamos com duas, apresentando um universo social complexo e fascinante. Nesse ambiente se desenrolaria o que o autor denomina “dilema brasileiro”: a tensão permanente entre as categorias de indivíduo e pessoa”.

O jeitinho, como um componente da identidade nacional brasileira, é também visto de forma negativa, pois as “relações pessoais, uma vez estabelecidas, tomam precedência sobre qualquer outro critério; porque o cidadão brasileiro tem vários parentes próximos que não o deixam reinar sozinho em nosso ambiente social” (DaMatta, 1997). Quando o ex-presidente francês Charles De Gaulle, em visita ao País, afirmou que este não é um país sério, talvez quisesse dizer que o jeitinho indicava essa não seriedade, pois “todos os parâmetros da ideologia individualista, consubstanciados num tratamento igualitário de todos perante a lei, são permanentemente vazados na prática social domínios [...em função] da perspectiva relacional, que transforma o público em privado e, assim, torna legítimo o que seria espúrio sob aquela perspectiva”.

A modo de conclusão, é possível afirmar que os aspectos positivos do jeitinho dizem respeito aos comportamentos de ajuda ao próximo, em seus aspectos de simpatia, cooperação e criatividade, ao passo que os negativos se referem a burlar regras (não levar em conta as regras de conduta esperadas em determinado contexto) e à malandragem, no sentido do uso de habilidades pessoais combinadas com astúcia e dispositivos enganosos, a fim de atingir uma meta.

A pesquisa realizada com expatriados (e expatriadas) de vários países, que estão vivendo no Brasil há mais de um ano, revelaram ainda que os aspectos positivos foram evidenciados no convívio pessoal, enquanto os negativos foram percebidos em seus respectivos ambientes laborais.

Abre-se, portanto, espaço para que futuras pesquisas possam investigar se essas percepções se mantêm estáveis mesmo que transcorrido mais tempo de convivência no Brasil, bem como outras facetas do jeitinho brasileiro em ambientes profissionais e no convívio pessoal.

**REFERÊNCIAS**

- Barbosa, Livia. O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros. RJ: Elsevier, 2006.
- Barlach, Lisete. Cultural encounters: expatriates in Brazil and Brazilian “jeitinho”. Anais do 38th Annual Meeting ISPP, San Diego, CA, 2015.
- Barlach, Lisete. O jeitinho brasileiro: traço da identidade nacional?. Revista Gestão & Políticas Públicas, v. 3, p. 228-245, 2013.
- Barlach, Lisete. A criatividade humana sob a ótica do empreendedorismo inovador. Tese de Doutorado. SP: IPUSP, 2009.
- Borges, Fernanda Carlos. A improvisação no jeitinho brasileiro. Trama Interdisciplinar - v. 2 - n. 1, 2011.
- Da Matta, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. RJ: Rocco, 1997.
- Latner, J. America's Protean Creativity: Gestalt Therapy and Creative License – essay and book review. International Gestalt Journal, v. 28, n. 2, p. 67-122, 2003.